

AS TIC'S COMO FORMA DE INCLUSÃO: aprendendo LIBRAS com as novas tecnologias.

Moises Garcês Silva¹

RESUMO

Ao buscarmos falar sobre inclusão, devemos nos basear a partir da etimologia da própria palavra que significa: incluir, fazer parte, inserir, introduzir, torná-las participantes da vida econômica, política e social, assegurando o respeito aos seus direitos no âmbito da sociedade, do Estado e do poder público. Nessa perspectiva, a educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. O presente trabalho, visa exemplificar experiências docentes no ensino de língua portuguesa durante a pandemia da COVID-19, e mostrar como alunos surdos, podem ter conhecimentos teóricos e práticos a respeito da língua portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, visando a perspectiva de romper com as barreiras comunicativas existentes entre surdos e ouvintes, no contexto inclusivo atual através do uso das TIC's, no antes, durante e posterior a pandemia da COVID-19. Conjecturando a partir da realidade do Centro de Ensino Déborah Correia Lima, localizada no município de São Bernardo – MA, sendo a mesa, a única escola da rede estadual que recebe alunos surdos neste município. Além de buscar versar a partir de aportes teóricos que fundamentem essa pesquisa, tais como: SILVA (2019), VYGOTSKY (1978), PEDROSO (2001), MORAN (2013), ALMEIDA (2007), CASTRO E BEZERRA (2012). Visto que a partir de um relativo processo de democratização do acesso as tecnologias e com as mudanças curriculares nos anos 90, as tecnologias da informação e comunicação passam a ser usadas como um recurso facilitador da aprendizagem, no sentido de auxiliar o aluno na sua construção de conhecimento e assim poder desenvolver um pensamento crítico na sociedade contemporânea. Desta forma, faz-se necessário refletir sobre a formação de professores de língua portuguesa na perspectiva inclusiva, a qual caracteriza-se como ação fundamental para que a inclusão educacional ocorra de fato na rede regular de ensino.

Palavras-chave: Inclusão, TIC's, Libras, Ensino, Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre inclusão, devemos nos basear a partir da etimologia da própria palavra que significa: incluir, fazer parte, inserir, introduzir, torná-las participantes da vida econômica, política e social, assegurando o respeito aos seus direitos no âmbito da sociedade, do Estado e do poder público. Nessa perspectiva, a educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. No qual segundo a nossa LDB 9.394/96, diz que a educação inclusiva deve abranger o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo.

Segundo Silva, Barbosa e Melo (2020), “A inclusão das pessoas com deficiência na sociedade é resultado de uma trajetória histórica, marcada por muitos

¹ Graduado em Linguagens e Códigos – língua portuguesa - UFMA. Especialista em Informática na Educação – IFMA. Especialista em Libras – FAMAH. Professor da SEDUC – MA, moisg01@hotmail.com

preconceitos e conquistas. Conquistaram a oportunidade de ter acesso à escolarização, porém, uma grande parcela deste alunado, necessita da acessibilidade pedagógica para que possam compreender os conteúdos abordados em sala de aula.”

A partir dessa perspectiva, a busca por tal temática, foi idealizada para mostrar as TIC's como meio educativo que possibilitará o aluno a vivenciar e integrar novos conhecimentos sobre a língua brasileira de sinais, a sua relação com a língua portuguesa.

Sendo embasado na sua importância para a comunidade e interação social, propiciando ao aluno tornar-se protagonista do processo de inclusão interacional. Como nos afirma VYGOTSKY, 1978, “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, funções que amadurecerão mais cedo ou mais tarde, mas que atualmente estão em estado embrionário.”

Assim, esta pesquisa busca identificar como aos alunos, podem ter conhecimentos teóricos e práticos a respeito da língua brasileira de sinais, na perspectiva de romper com as barreiras comunicativas existentes entre surdos e ouvintes, no contexto inclusivo atual através das TIC's. Vislumbrando a realidade do Centro de Ensino Déborah Correia Lima em São Bernardo – MA, escola que possui alunos surdos inseridos em salas de aulas regulares.

1- AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE INCLUSÃO

As revoluções tecnológicas sejam elas celulares, computadores, e as suas plataformas de acesso como, por exemplo, aplicativos de mensagens, redes sociais, sites de busca, e até mesmo de relacionamento, possibilitaram a inserção de pessoas para qualquer ambiente. A globalização, mais constante com o passar do século XX e a massificação da eletricidade e posteriormente a internet, trouxeram novas plataformas de observação da realidade que podem auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem nas escolas.

Na atualidade, as novas tecnologias produzirem uma conectividade das pessoas umas com as outras potencialmente via internet. No Brasil não foi diferente, o que se vê claramente no início do século XIX é um salto gigantesco em relação ao uso das tecnologias para a comunicação e novas formas de relações sociais. Uso este ampliado

em larga escala após a pandemia de COVID-19, onde toda a comunidade escolar viu-se obrigada a reinventar seus processos de ensino-aprendizagem.

De acordo com Silva (2019) o uso dessas tecnologias representam uma possibilidade a mais para os professores, estimulando o aprendizado, de modo que os participantes do processo de ensino-aprendizagem passem a investigar questões que veem fora da escola e para situações apresentadas pelas disciplinas em estudo. Essa nova plataforma de observação relaciona-se com a construção de novas visões de mundo e de apreensão de conhecimento do indivíduo, e que pode envolver toda a comunidade, dentro e fora da escola.

Silva (2019) argumenta que computadores, *tablets* e *smartphones* vem tomando cada dia mais espaço na vida cotidiana, fazendo com que a comunicação entre os indivíduos torne-se mais fluida e dinâmica. A autora destaca que no Brasil, esse processo se deu por volta dos anos de 1960, tendo no seu início um preconceito muito grande por parte dos educadores, muitos receosos de que as TICS atrapalhariam desenvolvimento de suas aulas tirando assim a atenção dos alunos.

Leite (et al. 2009) diz que a inserção das Tics nesse período esteve aliado a consolidação de um modelo educacional tecnicista, que visava uma “modernização das práticas pedagógicas e a solução de todos os seus problemas” (Leite et al. 2009. P.14). Dessa forma, as Tics foram associadas inicialmente com um ideia de visão limitada da educação sofrendo influências de ideologias extremas, como a do sentido tecnicista da educação.

Almeida *apud* Geraldi e Bizelli (2001) pontuam que desde a década de 1990, a primeira versão do Programa Nacional de Informática em Educação, já tinha como objetivo a inserção de tecnologias da informação, em especial os computadores no contexto escolar por meio da preparação do profissional docente dentro das secretarias estaduais de educação.

As Tecnologias da informação e comunicação podem ser descritas como potencializadoras e associadas à visão de mundo do indivíduo que dispõe de tais tecnologias, pode redefinir valores e comportamentos sociais, e auxiliar na consolidação do domínio da comunicação e do entretenimento. (GERALDI. BIZELLI, 2001)

As relações entre tecnologias da informação e comunicação e a educação se concretizam a partir da criação de metodologias de ensino-aprendizagem que sejam voltados para a compreensão do mundo. Em um sentido mais amplo, podemos dizer que as tecnologias funcionam como “toda técnica e recurso utilizado para realizar alguma

operação ou processamento sobre algum tipo de informação” (GERALDI e BIZELLI, 2001. p. 116)

Toda via Silva (2019) diz que as novas tecnologias da educação, entretanto, não diminuem em nenhum momento o papel do professor enquanto condutor e mediador do conhecimento. Os recursos didáticos informacionais devem ser usados aliados aos conhecimentos que o educador possui, para assim otimizar seu ensino. As TICS são recursos, ou seja, devem ser trabalhados aliando-se a outros instrumentos de conhecimento como o livro didático ou outras fontes de informação que não as tecnológicas, como revistas, jornais e livros, e não de maneira isolada na sala de aula.

Terry Evans *apud* Geraldi; Bizelli, 2001 p.123) diz:

Uma peça de giz e quadro-negro ou mesmo um galho ou um chão de areia são ferramentas nas mãos de um “mestre”. Tais educadores podem ser professores da escola primária, instrutores militares, idosos de uma tribo ou educadores de outdoors usando suas ferramentas para ensinar um aspecto de sua cultura aos aprendizes. De modo similar, equipamentos de videoconferência ou computadores pessoais podem ser usados como ferramentas educacionais por educadores que saibam (a tecnologia de) como usá-las para propósitos pedagógicos. Ferramentas e tecnologias são tão fundamentais para a educação que é difícil imaginá-la em eles; especialmente os sons e símbolo como ferramentas, e a escrita e linguagem como tecnologias.

Diante disso, vemos o quão relevante é o uso das novas tecnologias para o ensino aprendizagem.

Kenski (2003) aponta que o acesso às tecnologias da informação pelo professor deve ser democratizado a partir da escola, sendo com isso um desafio para toda a comunidade escolar, uma vez que as novas tecnologias demonstram uma nova forma de ensinar e aprender, rompendo com as estruturas de ensino dominantes.

Nesse sentido o uso das tecnologias dentro da escola é um processo frequente de trocas e também de uma constante aprendizagem pelos professores

Como vimos, o acesso às tecnologias se deu em um momento conturbado do país sendo usada de início com um viés tecnicista, com um modelo de ensino reprodutor do sistema capitalista que forma para o mercado de trabalho. A partir de um relativo processo de democratização do acesso as tecnologias e com as mudanças curriculares nos anos 90, as tecnologias da informação e comunicação passam a ser usadas como um recurso facilitador da aprendizagem, no sentido de auxiliar o aluno na sua construção de conhecimento e assim poder desenvolver um pensamento crítico na sociedade contemporânea.

2.1 O Uso de Tecnologias da Informação como Recurso Pedagógico

As tecnologias da informação e comunicação podem ser usadas como recursos pedagógicos, no sentido de mediar a construção do conhecimento. Nesse sentido, a tecnologia não pode ser vista como um fim em si próprio. De acordo com Gatti (1993, apud MAINART; SANTOS, 2010, p. 03):

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações.

E, segundo Moran (1995, apud MAINART; SANTOS, 2010, p. 04):

A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis. A presença dos recursos tecnológicos na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores.

Comentando essa citação, Silva (2019) afirma que a incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se não forem usadas de forma mecânicas. Apenas a inserção isolada de tic's na escola, como uma sala de informática por exemplo, não é garantia de melhora na qualidade do ensino, ela diz que é necessário cuidado na escolha de metodologias que não coloquem de lado a presença e o papel do docente na construção de conhecimento

Ao pensarmos a inserção dessas novas tecnologias dentro da escola não se pode pensar a fetichização do ensino, como se as tecnologias tivessem um poder miraculoso e fossem por si só sinônimo de ensino de qualidade, de boa formação dos indivíduos. Elas servem, sobretudo, como um recurso pedagógico que contribui para a melhoria do processo de ensino aprendizagem, mas nenhuma hipótese pode ser encarada como o único recurso ou o recurso mais importante, deve-se associá-lo a outras tecnologias – não tecnologias da informação – para que se tenha de fato uma melhora na qualidade da educação que é transmitida pelas escolas aos seus alunos. (SILVA, 2019. P 17)

Pois, não é somente o uso por si só das novas tecnologias que irá mudar o entendimento do aluno, se não estiver ligada a metodologia do professor.

Moreira e Kramer (2007) discorrem que para que seja atingido um nível de educação de qualidade são exigidos mais do que apenas a inserção das Tics, é necessário, segundo esses autores:

Condições adequadas ao trabalho pedagógico; conhecimentos e habilidades relevantes; estratégias e tecnologias que favoreçam o ensinar e o aprender; procedimentos de avaliação que subsidiem o planejamento e o aperfeiçoamento das atividades pedagógicas; formas democráticas de gestão da escola; colaboração de diferentes indivíduos e grupos; diálogo com experiências não-formais de educação; docentes bem formados (que reconheçam o potencial do aluno e que concebam a educação como um direito e um bem social) (Moreira e Kramer, 2007. P 1046).

O trabalho com as TIC'S nas escolas é um trabalho de integração não somente entre professor e aluno, mas um trabalho que envolve toda a escola para que os alunos recebam uma formação de qualidade. A aplicação das tecnologias da informação se dá nesse mesmo sentido, haja vista que envolve mais do que o professor em sala e o aluno, deve haver um planejamento que envolva toda a escola para que os recursos tecnológicos sejam melhor explorados dentro da escola e consigam refletir em transformações em níveis quantitativos, mas sobretudo em níveis qualitativos que serão observados por toda a comunidade que rodeia a escola.

A aplicação dessas metodologias relacionadas às TIC'S devem respeitar as particularidades de cada escola, é necessário pensar ao trabalhar-se com as novas tecnologias se estas escolas estão em um ambiente rural, urbano, em uma metrópole ou mesmo em uma pequena cidade. É necessário também considerar o acesso dos professores e dos alunos a esses recursos metodológicos e como os mesmos irão reagir às intervenções das tecnológicas no se processo de ensino e aprendizagem. Moran (2013) ao discutir a integração das novas tecnologias no ambiente escolar, argumenta que

Os alunos estão prontos para a multimídia, os professores, em geral, não. Os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Creio que muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade diante do aluno. Por isso e pelo hábito mantêm uma estrutura repressiva, controladora, repetidora. Os professores percebem que precisam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não estão preparados para experimentar com segurança. Muitas instituições também exigem mudanças dos professores sem dar-lhes condições para que eles as efetuem. Frequentemente algumas organizações introduzem computadores, conectam as escolas com a Internet e esperam que só isso melhore os problemas do ensino. Os administradores se frustram ao ver que tanto esforço e dinheiro empatados não se traduzem em mudanças significativas nas aulas e nas atitudes do corpo docente.

Percebemos que as novas possibilidades trazidas com as tecnológicas não passam a interferir e orientar em todas as ações, nas condições de pensar e de representar a realidade e, se tratando da educação, na maneira de trabalhar em atividades ligadas aos

saberes escolares de modo a interconectar o aluno com o mundo fora da escola. (Silva, 2019)

A escola contemporânea deve estar atenta e aberta para incorporar aos novos parâmetros comportamentais, hábitos e demandas, participando ativamente dos processos de transformação e construção da sociedade. Deste modo, é necessário que os alunos desenvolvam habilidades para utilizar os recursos tecnológicos, cabendo à escola integrar a cultura tecnológica ao seu cotidiano.

O uso das Tic's no contexto escolar representa uma inovação pedagógica que possibilita novas metodologias de trabalho dentro e fora da escola, devendo esta acompanhar as transformações sociais. A escola precisa com as tic's tornar mais atraente, estreitando a linha que a divide do mundo externo, no qual o aluno vai absorver grande parte das informações.

A escola precisa transformar-se de simples transmissora de conhecimentos em organizadora de aprendizagens e reconhecer que já não detém a posse da transmissão dos saberes, proporcionando ao aluno os meios necessários para aprender a obter a informação, para construir o conhecimento e adquirir competências, desenvolvendo o espírito crítico (SILVA, 2019. p.20)

O grande desafio do ensino com as tecnologias da informação é saber como utilizar esses recursos de maneira inteligente, fugindo assim como se tem com outros recursos como o livro didático, de uma feitichização, tanto pelo professor como pelo aluno, isso demanda tempo e adaptação a esses recursos como nos apontou Moran (2013).

No processo de adaptação e de conhecimento dos recursos possíveis para o ensino e para diferentes disciplinas dentro da escola, sempre pensando no pós-aula os recursos e conteúdos podem ser integrados a vida social do aluno e este, por sua vez, mobilizará conhecimentos com sua família e comunidade.

Dessa forma, sabendo da importância, das contribuições e das potencialidades das tecnologias, é possível utilizá-las de acordo com a necessidade e em momentos em que realmente ela irá contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, de forma diferente e inovadora.

2- A ORIGEM DA LIBRAS ENQUANTO IDIOMA.

A obra de Gesser (2009) busca elucidar o conceito de LIBRAS enquanto um idioma, para tal divide a sua obra em três momentos, no primeiro deles traçará um

panorama do que é a Língua Brasileira de Sinais, e como ela se constitui enquanto idioma, em seguida o autor fala a respeito do surdo, e de que forma a surdez constitui-se como identidade e não como deficiência, e por último versa a respeito da surdez, os mitos a respeito dela e fala dos desafios na contemporaneidade para a afirmação e inclusão do surdo na sociedade.

O que se deve ter em mente desde o início das discussões sobre a LIBRAS é que ela não é um dialeto, ou até mesmo uma mímica etc. ela se constitui como um idioma, com estrutura gramatical e fonética próprios. Gesser (2009. P. 19) diz que

As investigações linguísticas apontam e descrevem a existência de características linguístico-estruturais que marcam as línguas humanas naturais. A crença, ainda muito forte na sociedade ouvinte, de que a língua de sinais dos surdos não tem gramática está ancorada na crença de que falamos a seguir: a de que elas não passariam de mímicas e pantomias.

Outro estigma presente a respeito da LIBRAS é que ela é uma língua limitada, haja visto que é uma língua imagética etc. entretanto é possível comunicar quaisquer assuntos usando a língua de sinais, ao contrário do que se pensa, os sinais não são limitados, e é possível falar de filosofia, política, economia ou quaisquer outro assunto se utilizando de LIBRAS.

Isso acontece por conta da infinidade de combinações que pode ser feita se utilizando das configurações de mão que compõe a estrutura da LIBRAS, a partir do alfabeto manual os sinais são formulados, de forma icônica ou não, a fim de trazer a comunidade surda autonomia para comunicar-se. Esse argumento trazido por Gesser (2009) quebra totalmente o paradigma de que a LIBRAS é apenas uma versão sinalizada da língua portuguesa, a LIBRAS possui como já apontado uma estrutura própria de comunicação, e tão idioma quanto a língua portuguesa, incluindo nisso variações regionais, ou seja, a LIBRAS também possui “sotaque”

Disso podemos concluir que a LIBRAS é de fato um idioma, e que é através dele que o surdo comunica-se dentro da sua comunidade e também com a comunidade ouvinte, o surdo segundo Gesser (2009) ao contrário do que podemos pensar num primeiro momento, por conta da interação em LIBRAS não vive num absoluto silêncio, existe “barulho” para o surdo, isso se dá por exemplo em uma conversa em grupo, quando várias pessoas sinalizam ao mesmo tempo, os olhos sendo o ouvido do surdo captam esse “barulho” essa poluição visual que se tem transforma-se em ruído visual.

O surdo consegue por conta da LIBRAS abstrair assim como o ouvinte, podendo

como jádissemos discutir a respeito de qualquer assunto e mais, é possível por conta da LIBRAS que o surdo “ouça” musica, e até mesmo dance.

Como se pode ver, não há desvantagem na surdez quando se fala em comunicação e linguagem, visto que não é a *modalidade* da língua que define se estamos em silencio ou não. Os surdos dançam, apreciam e ouvem música a seu modo, tem sensações de barulho, constroem seus mundos e suas subjetividades *na* e *através* da língua de sinais, enfim, concebem e redefinem seu mundo através da visão. É uma crença equivocada pensar que a língua de sinais dos surdos é uma língua silente, ou que os surdos vivem em silencio total (Gesser, 2009. P. 50)

Isso rompe com outro estigma referente a LIBRAS, que durante a história, por preconceito e/ou falta de estudos na área afirmavam que o surdo precisava ser oralizado para poder conviver socialmente, o que vemos nessa obra de Gesser (2009) é exatamente o contrário, a LIBRAS proporciona autonomia ao surdo, dando a ele uma identidade própria, identidade que se afirma mais e mais por meio do uso da língua de sinais.

Gesser (2009) destaca principalmente o ponto de vista do surdo em relação a surdez, em diversos pontos de sua obra afirmando que a surdez não é de maneira nenhuma um problema para o surdo e sim para a comunidade ouvinte.

Uma entrevistada surda relata ao autor que

A surdez é um problema quando a sociedade passa a me ver como um problema. Quando tenho a oportunidade de interagir com pares que me identifico através da língua de sinais, quando tenho a oportunidade de estudar em uma escola que utilize sinais, quando tenho meus direitos assegurados, me sinto apta e capaz (Gesser, 2009.P. 64)

Isso reflete mais um vez que a comunidade ouvinte leiga não sabe muitas vezes como lidar com a surdez e a inserção do surdo na comunidade, esses estigmas existiram desde que se temnoticia, no inicio com tentativas de recuperar a audição por meios cirúrgicos até a exclusão dosurdo das comunidades ouvintes, e até mesmo a proibição do uso da língua de sinais. O que tornou-se um fator de exclusão de crianças surdas em todo o mundo, dificultando a sua formação enquanto seres sociais.

Todavia, houve avanços dentro do processo de inclusão da comunidade surda no ambiente escolar, no tópico seguinte deste artigo trataremos de como se deu o desenvolvimento de estratégias metodologicas para o ensino de pessoas com surdez

3.1- INCLUSÃO ESCOLAR

A inclusão de alunos surdos nas instituições de ensino tem sido tema bastante debatido no âmbito mundial por se tratar de um tema bastante relevante e essencial. Com isso, muitos países tem assumido essa tarefa de inclusão como tarefa a educação pública de que a inclusão depende do acesso e reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Portanto, esse interesse se justifica quanto às questões de incluir esses indivíduos no ensino regular de ensino, sentindo a necessidade de ampliar e aprofundar a discussão a respeito do acolhimento e permanência dos surdos no ambiente escolar, que embora garantidos por lei, ainda são falhos, possivelmente pela dificuldade de modificar parâmetros em relação ao que se espera da escola.

Os defensores da inclusão, como, PEDROSO (2001) argumentam que todos os estudantes devem ter as mesmas oportunidades de frequentar classes regulares próximas ao local de sua residência, com crianças de mesma faixa etária, ou frequentar a mesma escola que seus irmãos.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Essa lei exige a obrigatoriedade da oferta de LIBRAS no currículo oficial da rede de ensino, em todas as etapas e modalidades da educação básica (PERLIN e STROBEL, 2006).

Entretanto, se pode perceber que os ouvintes raramente têm conhecimento e domínio de LIBRAS, e por isso falta à grande maioria das escolas professores com esse conhecimento para receberem alunos surdos em suas turmas. Desse modo, o aprendizado do aluno com necessidades educacionais fica comprometido já que para que a inclusão aconteça de fato se faz necessário partir primeiramente da vontade do professor em saber LIBRAS, além disso, depende também de um trabalho de discussão e formação que envolve recursos e que efetivamente não tem sido realizado.

Assim, se constitui a uma boa proposta que se mostra preocupados e aberta em contato com as diferenças do que realmente se adequa para aqueles que, tendo necessidades especiais frente ao seu desenvolvimento escolar, necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não têm sido adquiridas de fato.

Por isso, no final da década de 1970 e início da década de 1980, a educação brasileira buscou novas diretrizes, com fortalecimento da mobilização pela Integração Escolar, que já vinha sendo discutida na década de 1960, e que tinha por finalidade ultrapassar a segregação, construindo espaços comuns na sociedade, visando "tornar a pessoa com deficiência ou distúrbio parte integrante da sociedade" (TARTUCCI, 2001,

p. 64). E a partir da década de 1990, que a corrente em defesa da Integração Total ganha força, sofre influência da Declaração de Salamanca (1997) e é renomeada inclusão.

Também implica nesse contexto de inclusão a escola que assume o compromisso de educar a criança independentemente da sua cultura, raça cor, religião ou linguística; o importante é que todos os alunos estejam dentro da escola regular de forma integrada. Esse processo ele é gradual e dinâmico; onde a integração cria possibilidade de construção de processos linguísticos adequados de aprendizado de conteúdos e uso social da leitura e escrita.

Porém, o objetivo desse processo é o professor promover a integração e assim incentivar também a construção do conhecimento através da interação com ele e os colegas. Porém, desse modo faz parte da natureza do ser humano à capacidade de imitar, criar, reproduzir, transformar para se comunicar uns com os outros assim o aprendizado se torna bem mais significativo e prazeroso.

Embora a língua não seja a única maneira utilizada para as pessoas se comunicarem, ela é parte inerente do ser humano servindo ela para comunicar-se, seja ela de maneira gestual, oral ou escrita (CHAMARELLI FILHO, 2008). Na modalidade gestual, ela é considerada uma língua visual, pois a mesma utiliza sinais e expressões faciais e corporais para a comunicação.

No Brasil, a língua gestual é conhecida como Língua Brasileira de Sinais (LBS) ou LIBRAS. A mesma tem sua origem na Língua de Sinais Francesa, sendo ela uma língua não universal, mas que cada país possui a sua própria língua de sinais, que sofre as influências da cultura nacional. Como qualquer outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua. Porém, se percebe através dessa análise, que esta língua existe de forma natural em comunidades linguísticas ou de pessoas surda considerada uma língua natural e oficial dos surdos, reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002 (QUADROS, 2005). Já o reconhecimento político e social é bastante recente.

Dados do censo escolar (Inep/Mec., 2013) registram uma evolução nas matrículas dos alunos com necessidades educacionais na escola regular. De 382215, em 2000, para 636451, em 2012, o crescimento é de 66,51% de alunos incluídos na rede pública de ensino.

Contudo, se percebe que o crescimento dessas matrículas significa que a luta de pessoas surdas hoje pelo reconhecimento de sua língua tem sido constante, seguida de grandes desafios, principalmente quando se trata da questão de quererem estudar e que,

normalmente enfrentam os seguintes dilemas nas salas de aula: entender/traduzir (o que realmente) o professor e os colegas e ser entendido/traduzido por eles. Na verdade esta situação vem se perpetuando e fazendo parte do cotidiano desses alunos de entender e ser entendido também. Embora, inclusão, não significa simplesmente matricular todos os educandos com Necessidades Educacionais Especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas como forma de inclusão, mas sim, significa dar ao professor e à escola o suporte necessário a sua ação pedagógica.

Pesquisas, por exemplo, têm apontado (Kassar, 2011; Lacerda, 2007; Quadros, 2003) que estudantes que possuem necessidades especiais vivenciam uma inclusão pouco cuidadosa; reflexo da ausência de discussões pedagógicas sobre os pormenores gerados pela inserção dos alunos em classes regulares. Implica construir um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada. (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 2001: p.40)

Implica uma nova postura da escola comum, que propõe no Projeto Pedagógico – no Currículo, na Metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores – ações que favoreçam a interação social do aluno e sua opção por práticas heterogêneas. Além disso, deve haver uma preocupação com a eficiência e a eficácia (acesso e permanência dos alunos) na escola, o que por sua vez não garante a aprendizagem fundamental para o sucesso escolar (Garcia, 2013). São necessários superar alguns desafios para que a escola tenha êxito; depende da reestruturação da escola em relação à inclusão educacional, da implementação das propostas pedagógicas inclusivas, da concepção dos profissionais habilitados e preocupados com o ensino aprendizagem dos educandos.

Nesse sentido apresentaremos as Tecnologias de Informação e comunicação – TICs – como possibilidade de metodologia de ensino ativa para o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo. Favorecendo a sua integração tanto no ambiente escolar e elevando seu aprendizado, bem como cumprindo com o papel social da escola de integrar o indivíduo ao meio em que vive.

3- O USO DE TICS PARA O ENSINO DE LIBRAS NA REDE ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO - MA

Conforme debatido anteriormente neste artigo, a Língua Brasileira de Sinais é vista como uma forma de linguagem, possuindo gramática e outras regras que a tornam única. A LIBRAS é tida como a melhor forma de interação e integração da comunidade surda entre si e também com a comunidade ouvinte. Todavia, como foi possível perceber, a difusão da LIBRAS fora dos ambientes acadêmicos e do contexto de famílias com pessoas surdas ainda é muito incipiente.

Essa falta de conhecimento também é presente nas escolas, onde muitas vezes apenas o interprete de LIBRAS da turma consegue interagir com o aluno, fazendo com que uma real inclusão desde no mundo escolar não aconteça.

Abordaremos nesta etapa resultados obtidos com a aplicação de recursos midiáticos e tecnológicos para alunos com surdez do C.E Déborah Correia Lima, sendo a única escola da rede estadual do Maranhão no município de São Bernardo a receber alunos especiais.

Nossa pesquisa baseia-se na hipótese da melhora da qualidade do processo de ensino-aprendizagem e da inclusão de alunos surdos na comunidade escolar a partir da utilização sistemática de Tic's. Para tal, realizamos entrevistas com o alunado e também com o professor interprete de LIBRAS da escola, afim de compreender como esse processo ocorreu, os desafios e resultados positivos que tenham sido obtidos.

Cabe ressaltar que dentro da sala de aula o professor interprete não tem a função de ser o tutor do aluno surdo, ele tem como responsabilidade fundamental a transposição de conteúdos da língua portuguesa oralizada para a língua brasileira de sinais. As metodologias e resultados aqui apresentados são fruto do trabalho conjunto de professores titulares, professor interprete, alunado e direção escolar.

A inserção das tecnologias de informação e comunicação esteve presente no Brasil desde a metade do século XX, porém, conforme debatido anteriormente, deu-se de forma desigual, e muitas das vezes aliada a uma política educacional tecnicista. A inserção de tic's no sentido de nosso artigo, se dá com vistas a integração de alunos surdos à comunidade escolar, realizando assim um real processo de inclusão desses alunos. Sobre essa inserção de tecnologias, ao ser questionado como ocorreu a ampliação de seu uso em sala de aula, o Professor Girasso² – Interprete de LIBRAS da referida escola – nos relatou que

² Nome fictício dado ao professor entrevistado.

Nós sempre procuramos inserir tecnologias da informação em sala de aula, mas antigamente ainda com muita dificuldade, tanto pela disponibilidade de tecnologias para os alunos, mas também por um pouco de inexperiência de uso e relutância por parte de alguns professores. A pandemia de covid-19 nos obrigou a fazer um processo de análise e de refazermos nossas metodologias e práticas de ensino usando quase que exclusivamente tecnologias da informação, esse processo apesar de muito desafiador, pode nos proporcionar uma maior adaptação ao uso desses recursos, costumo dizer que fomos pegos de surpresa, mas conseguimos nos superar em relação a essa inserção de tic's, especialmente para os alunos que acompanho.

A fala do professor nos revela que a inserção de tic's tornou-se mais latente quando obrigatória por conta da situação pandêmica em que estávamos inseridos, este novo desafio, porém, foi visto como um elemento motivador para que as tic's pudessem cada vez mais fazer parte das aulas, auxiliando os professores e os alunos na sua integração. O professor Girassol relatou que

Com a chegada do período pandêmico, nós interpretes e professores buscamos nas tecnologias um recurso que pudesse nos aproximar dos alunos, ou seja, nós não poderíamos apenas ministrar as aulas online e esperar bons resultados disso. Toda escola compreendeu que era preciso fazer mais, então tivemos que aprender a usar algumas novas plataformas além do *Google Meet* e do *Youtube*. Nosso objetivo era fazer o aluno ser um sujeito ativo da sua aprendizagem e não somente um receptáculo de informações.

Destarte, buscou-se aperfeiçoar o uso de aplicativos como redes sociais, e plataformas virtuais de aprendizagem como o *Class room* afim de fazer com que o aluno mesmo em casa pudesse inserir-se nas aulas, realizando atividades práticas de sua residência alinhado sempre com as propostas e habilidades dispostas na BNCC

Para o alunado, perguntamos como foi a experiência de uso dessas tecnologias inicialmente no período da pandemia, este nos disse que

Era um momento confuso, as vezes não sabíamos como iríamos utilizar esses aplicativos por que antes da pandeia a gente quase não usava, era uma aula mais tradicional com o livro e atividades no caderno. Foi um pouco difícil pensar em usar o celular para assistir aulas e fazer atividades, mas eu acho que o uso de aplicativos que nos já conhecíamos tornou isso mais fácil. Lembro muito das aulas de Geografia, em que o professor passou a utilizar o google maps para dar os exemplos, e algumas coisas que antes eram muito chatas como aquela parte de relevo, ficaram mais interessantes, por que a gente podia ver no mapa em 3D como eram essas formações e entender melhor como aquilo mudava nosso dia-a-dia

Percebemos que o uso de TIC's popularizou-se no período pandêmico, e pode trazer estratégias de ensino mais dinâmicas para as aulas em casa. Notamos que os alunos passaram a ser mais colaborativos, uma vez que usando as tic's puderam interagir para além da explicação do professor e do conteúdo presente em sala. As Tic's proporcionaram

um mundo de descoberta e de interatividade com locais que antes só poderiam ser vistos em fotografias em livros, e agora disponíveis na mão do aluno.

Passado o período pandêmico, outros desafios puderam ser observados, se antes o problema era a adaptação para as tecnologias em casa, o novo desafio a ser superado foi o uso contínuo dessas metodologias com a volta dos alunos para a sala de aula. O professor Girassol nos conta que no momento de volta as aulas presenciais muitos questionaram e pediram para que continuasse com o uso das ferramentas digitais.

Em relação ao aluno com surdez observamos uma evolução na sua integração em sala de aula, tanto na pandemia como no pós. Notamos que nas aulas online com a utilização dos recursos os alunos com surdez podiam participar melhor e interagir com a turma de forma mais profícua e sem um receio de exclusão ao tentar participar das aulas.

Ao ser perguntado como foi a experiência das aulas com tecnologias informacionais a aluna Maria nos contou que

Usando as tic's em casa eu me tornei como eles, então estávamos em pé de igualdade, e como a comunicação era feita por chat, podia expor melhor o que pensava e contribuir para nossos trabalhos e atividades. Não me sentia mais excluída como em sala de aula.

Na volta a escola de maneira presencial, a aluna nos contou que

Foi um desafio para mim voltar, por que eu sabia que meus colegas não sabiam LIBRAS e que talvez eu voltasse a conversar apenas com o meu interprete. Porém como já estávamos habituados a usar os aplicativos, que agora nós conseguimos melhorar nossa comunicação e com isso ficou mais fácil e prazerosos fazer algum trabalho em grupo.

Por parte da escola (direção e professores) observamos que a inserção das tecnologias de informação e comunicação auxiliou-os a lidar com os problemas da inclusão de alunos surdos relatados no tópico 2.1 deste trabalho.

De acordo com nossa pesquisa, as tecnologias de informação e comunicação deixaram de ser um complemento para as aulas como eram vistas antigamente e passaram a fazer parte dos planejamentos e planos de aulas dos professores da escola. A inserção delas no ambiente escolar teve que ser bem trabalhada, visto que mesmo com as dificuldades iniciais no manejo de alguns recursos. Especialmente para a comunidade surda da escola, o uso de tic's promoveu uma autonomia em relação ao seu processo particular de ensino-aprendizagem, uma vez que com elas o aluno tem um arcabouço de recursos e sites de pesquisa muito maior. É interessante pontuar que nos últimos anos por conta da pandemia, o número de sites e serviços online aumentou exponencialmente, e

seguindo a mesma trilha, e educação passou pelos mesmos processos de transformação, adaptando-se as novas realidades, sem contudo, escapar de seu objetivo principal de promover a emancipação de indivíduos através da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino no Brasil sempre foi muito debatida, grandes desafios faziam-se presentes à época da criação de políticas educacionais e vários desses empecilhos passavam por pré-noções e preconceitos equivocados sobre o que é surdez e o que seria a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Notamos que de início havia muita nebulosidade em relação à legitimidade da língua brasileira de sinais, não apenas na comunidade científica, mas sobretudo na sociedade em geral que a via como uma mimica, ou como sinais vazios sem expressão. Porém o que temos é o contrário, é uma língua viva, uma forma de linguagem legítima e que paulatinamente foi ganhando espaço no país.

No que tange a inserção de alunos surdos nas escolas esse problema evocava outros percalços, por exemplo o de fazer uma real inclusão desses alunos na escola e não apenas ter a presença deles no espaço escolar ou em sala. Notamos no decorrer deste trabalho que o processo de legitimação desses alunos em sala foi longo, permeado de avanços e retrocessos sobretudo no uso de metodologias ativas para sua inserção na comunidade escolar.

As tecnologias da informação e comunicação emergem como possibilidade de integração desses alunos, uma vez que estes especialmente agora com gerações de nativos digitais – possuem uma familiaridade muito grande com redes sociais, o que foi preciso fazer na escola foi uma adaptação do uso dessas ferramentas para expandir a integração dos alunos e melhorar seu rendimento e sociabilidade.

Notamos no decorrer deste artigo, por meio da pesquisa realizada no C, E Déborah Correia Lima, que para a comunidade surda da escola o uso de tecnologias foi muito benéfico, colocando-os em pé de igualdade.

É necessário pontuar que o mero uso indiscriminado de apps e recursos tecnológicos não resolve o problema da falsa percepção de inclusão, ainda é preciso continuar com processos de formação docente a fim de aperfeiçoar seu uso dentro de sala de aula, como um recurso a mais de seu arcabouço didático. É necessário portanto reconhecer e comemorar os avanços percebidos com o uso de tic's, mas seguir se

adaptando constantemente a novas formas de interação e tecnologias especialmente no mundo pós pandêmico e com promessas de consolidação de inteligências artificiais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. 2. ed. Brasília, DF: Corde, 1997.

BRASIL. **Lei Federal nº 9394/96.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

CHAMARELLI FILHO, M. **Linguagem, cultura e cognição: uma abordagem linguístico-semiótica.** 2008.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. **Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, v. 18, p. 101-119, 2013.

GESSER, Audriel.1971. **LIBRAS? Que Língua é essa?: Crenças e preceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda/** Audriel Gesser ;[prefácio de Pedro M. Garcez]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009

GERALDI; L.M; BIZELLI, J.L. **Tecnologias da informação e comunicação: Conceitos e definições.** 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 3 ed. Campinas, SP. Papyrus, 2003

LEITE, Ligia Silvia. (Coord.) et al. **Tecnologia Educacional: descubra suas Possibilidades em sala de aula.** 3.ed Petrópolis, RJ. Vozes, 2009

MAINART, D. A.; SANTOS, C. M. A importância da tecnologia no processo ensinoaprendizagem. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 7,2010. **Anais...**, 2010. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_1201.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023.

MORAN. José. **A integração das tecnologias na educação; A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 5ª Ed. Campinas: Papyrus, 2013, p. 89-90

MOREIRA, Barbosa; KRAMER, Sonia. **CONTEMPORANIEDADE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007

PEDROSO, C.C.A. **Com a palavra o surdo: aspectos do seu processo de escolarização.** Dissertação de Mestrado. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, SP, 2001.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2006.



QUADROS, Ana Luiza De et al. **Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória.** Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 7, p. 04-11, 2005.

SILVA, Délia Maria Garcês. O uso das tecnologias da informação e comunicação no ensino de geografia: a experiência dos professores da Escola Municipal José de Freitas em São Bernardo-MA. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão –UFMA. 2019.

TARTUCI, Dulcéria. **A Experiência Escolar de Surdos no Ensino Regular: Condições de Interação e Construção de Conhecimento.** Piracicaba, SP 2001. 182 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas. Piracicaba, SP, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2008. 287 p.

!